

*“As armas e os barões assinalados,
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taporbana,
... ..”*

Início do Canto Primeiro dos Lusíadas.

Dos que ficaram, Unamuno refere-nos a paróquia do senhor Padre Manuel:

15 . 1 – O AMOR, “NO SENTIMENTO TRÁGICO DA VIDA HUMANA” UNAMUNO E “O SENHOR PADRE MANUEL”

*“Só tem história o que por si é princípio de mudança.”
L. Fenerbach*

*“Uma cultura visual não é o esmero ou rédea solta de um impressionismo pela vista, mas sim a conquista de um estado de espírito capaz de permitir a entrada de luz.
A luz vê-se, não se olha. “*

Almada Negreiros

Miguel de Unamuno, Etxarra nascido em Bilbao, amigo do nosso Guerra Junqueiro, é um escritor chave, da sua época; percepção histórica, que nos vai ajudar a interpretar os caminhos percorridos pela Natureza Humana na Europa dos nossos sítios.

Do seu livrinho *“São Manuel Bom, Mártir, Ed. DIFEL 1999*, referimos um pequeno extracto onde “expressa o ***“sentimento trágico da vida humana”***

“... .. – E o povo – disse eu - acredita realmente?

– Sei lá!... Acredita sem querer, por hábito, por tradição. E o que faz falta é não acordá-lo. E que viva a sua pobreza de sentimentos para não adquirir torturas do luxo. Bem, aventurados os pobres de espírito!

– Isso, irmão, aprende-se com o senhor Padre Manuel. E agora diz-me, cumpris-te o que prometeste à nossa mãe, quando ela estava para morrer, essa coisa de que rezavas por ela?

... .. “Separámo-nos para irmos cada um para o seu quarto, eu para chorar toda a noite, para pedir a conversão de meu irmão e do senhor Padre Manuel, e ele, Lázaro, não sei bem para quê.”

Episódio seguinte: 14

“Depois daquele dia eu termia só de me ver sozinha com o senhor Padre Manuel, a quem continuava a assistir nas suas piedosas ocupações. E ele pareceu aperceber-se do meu estado íntimo e adivinhar a sua causa. E quando por fim me aproximei dele no tribunal da penitência – quem era o juiz e quem era o rei? – os dois, ele e eu, dobrámos em silêncio a cabeça e desatámos a chorar. E foi ele, o senhor Padre Manuel, que quebrou o tremendo silêncio para me dizer com uma voz que parecia sair de uma sepultura:

- Mas tu Angelina, acreditas como aos dez anos, não é verdade? Tu acreditas?
- Sim creio, senhor Padre...
- Então continua a acreditar. E se tiveres dúvidas, silencia-las tu própria. Temos de viver...

Atrevi-me e, toda a tremer, disse-lhe:

- Mas o senhor Padre acredita?
- Hesitou um momento e, recompondo-se. Disse-me:*

- Acredito!
- Mas em quê, senhor padre, em quê? O senhor acredita na outra vida? Acredita que ao morrermos não morremos para sempre? Acredita que nos tornaremos a ver, a amar-nos noutro mundo que há-de vir? Acredita na outra vida?

O pobre santo soluçava.

- Olha, filha, deixemos isso!

E agora, ao escrever estas memórias, digo a mim mesma: Porque me não enganou então como enganava os outros? Porque me não angustiou? Porque não podia enganar-se a si próprio, ou porque não me podia enganar a mim? Quero acreditar que se angustia porque não se podia enganar para me enganar.

- E agora – acrescentou - reza por mim, pelo teu irmão, por ti mesma, por todos. Temos de viver. E temos que dar vida.

E, depois de uma pausa:

- E porque é que te não casas Angelina?
- O senhor padre já sabe bem porquê.
- Mas não, não, tens de casar. Lázaro e eu vamos arranjar-te um namorado: porque convém casares para se curarem essas tuas preocupações.
- Preocupações senhor padre Manuel?
- Eu sei muito bem o que estou a dizer. E não te angusties demais pelos outros, pois cada um já tem bastante para responder por si mesmo.
- E que seja o senhor padre Manuel a dizer-me isso! Que seja o senhor Padre a aconselhar-me que me case, para responder por mim e não me preocupar com os outros! Que seja o senhor!
- Tens razão Angelina, já nem sei o que digo desde que me confesso a ti. Sim, sim, temos de viver.

E, quando eu me ia levantar para sair do templo, ele disse-me:

- E agora, Angelina, em nome do povo, absolves-me?

Senti-me como que penetrada por um misterioso sacerdócio e disse-lhe:

- Em nome do Deus Pai, Filho e Espírito Santo, absolvo-o senhor padre.

E saímos da igreja, e ao sair estremeceram-se as minhas entranhas maternais.

– “Excursão a Fráguas

“Saí de Queiriga, uma tarde, e segui pela Serra fora, por bom caminho, até à vista de Fráguas, extinta vila. Depois de grande descida. Em baixo rio Paiva e do lado de lá Fráguas. A vila conserva ainda o Pelourinho, de oito catas, a aldeia medonho antro), e a casa da câmara. Na casa da câmara sabia eu que se guardava uma colecção de ferros, que serviam outr’ora de penas a criminosos e foi para os ver que me resolvi a ir a Fráguas. Efectivamente lá estavam algemas, uma mordaça, ferros para os peitos, a faca com que o carrasco cortava a cabeça dos enforcados, e ainda outros. Um horror. Em contraste com a barbaridade de costumes medievais expressa nestes ferros, que lindas varseas aos lados do rio! Algumas casas até tinham a entrada da porta idilicamente ensombrada por docel formado de videiras.”

In “De Terra em Terra.” Excursões Arqueológicas - Etnográficas por J. Leite de Vasconcelos. Ago. 1896

... ..

“ ...O reverendo... diz saber que os sobreditos acima nomeados sam e foram sempre tidos e avidos e geralmente reputados nesta villa por inteiros e legitimos christãos velhos sem raçam de Índios, mouros, mulatos, mouriscos nem outra naçam infecta nem ascendência de pessoas novamente convertidas à nossa santa fé e sem aver fama nem rumor em contrário.”

(diligência 542 Maço 23: Torre do Tombo; 1699)



O derradeiro espectáculo do Santo Ofício, no Terreiro do Paço, onde o actual Papa foi recebido em Maio de 2010

No próximo estudo vou investigar a História destes povos – entre as nascentes do Tejo e do Douro entre os paralelos 40º – 41º, da Serra da Gardunha à Serra de Gredos, – que aí vivemos, isolados, cerca de catorze séculos, a quem o isolamento estagnou a racionalidade, e a Universidade só muito tarde os bafejou.

Oferecem-nos como valiosíssimo testemunho a arquitectura das suas casas, os seus usos e costumes e como cunho do seu passado, o Touro e o Porcon a Ocidente, os **“Toros de Guisando”** “esculturas célticas en Piedra berroqueña, desgastadas por acción del tiempo” mais a Oriente.

Para rematar este capítulo, nada melhor do que a notícia do dia, vinda do país onde os Pelasgos Atlantes, com os então Gauleses - ainda loiros e de olhos azuis antes do contacto com os nossos e os Egípcios, estes necessitados de estanho para o erguer das suas pirâmides ergueram cerca de 2.400 a. C. a famosa Stonehenge e o corredor de menires de Carnac, origem do extraordinário desenvolvimento e capacidade de assimilação dos nossos Pelasgos da Sardenha e, o que mais importa : da civilização dita Megalítica e das construções ciclópicas que pelo Egeu erguemos.

15 . 2 – SEM AMOR, NA CEGUEIRA DO MISTICISMO

“Entrelaçando conhecimento e observação, o cérebro organiza novos circuitos neuronais, crescendo o número e qualidade dos neurónios, dendrites e axónios – extensões que nas células cerebrais têm por missão estabelecer ligações entre as várias regiões cerebrais, conferindo assim o carácter unitário à rede neuronal, que se traduz na consciência unitária em si.”

Jean-Pierre Changeaux; Gulbenkian Jun. 2000

Vou a falar da Grã-bretanha e de um dos seus mais dilectos filhos da actualidade, no campo da investigação científica. – Stephen Hawking.

Nascido em 1942, dedicou-se ao estudo dos misteriosos **buracos negros**, partindo da Teoria da Relatividade de Einstein e do Princípio da Incerteza de Heisenberg, tendo publicado “Breve História do Tempo” com enorme sucesso literário e científico. Atacado por doença neuromotora (ALS-anynotrophic sclorosis), desde 1974, imprimiu maior pujança ao seu trabalho.

A sua Cosmologia interpreta e surpreende o mundo científico com um novo Livro “ The grand Design” a ser publicado a 8 de Setembro de 2010, na véspera da visita do Papa Bento XVI à Grã-bretanha. Argumentos já apresentados:

“Como existe uma lei da Gravidade o Universo pode continuar a criar-se do nada. A razão espontânea é a razão porque existe algo em vez de nada, razão porque o Universo existe, e porque nós existimos”. A comunidade científica já se pronunciou por suas gradas figuras afirmando: para o comum dos mortais duas opções – acreditar em Deus ou na Ciência. “

Hawking já em 1981, unira a Física Quântica ao Universo de Einstein, no Big Bang.

Todos os fenómenos da natureza, todos os acontecimentos que na sua vizinhança ocorriam, toda a vida e morte eram ocorrências em que o homem não tinha a mínima participação. Era tudo obra dos espíritos e dos deuses. Era imperioso acalmá-los. Torná-los favoráveis prestando-lhe culto.

O mito, a magia, a religião desempenharão papel cada vez mais importante na satisfação dos desejos do homem primitivo. Sob a égide dos feiticeiros e dos chefes religiosos, o homem presta actos de submissão. Ajoelhado sobre a terra, de olhos fechados, de mãos no ar, juntas ou apoiadas no solo, invoca os deuses. Para que os oiçam, faz promessas e súplicas, entrega anéis e cordões, entra em êxtase. Estas práticas são efectuadas em grupos, romarias ou romagens a santuários – no Santuário de Fátima foram investidos em 2007, início de forte crise usurária e financeira, setenta milhões de Euros, e, recentemente, mais dez milhões de Euros, num túnel.

O conteúdo e práticas da religião têm evoluído, segundo as necessidades e exigências da época e do lugar.

“Sempre que se torna inaceitável é rejeitada de maneira calma ou violenta, mas surge imediatamente sob uma nova forma, talvez cuidadosamente mascarada, mas contendo todos os antigos elementos básicos. Muito simplesmente nós necessitamos de acreditar em alguma coisa.”

“À primeira vista surpreende como a religião têm tido tanto sucesso, mas o seu enorme poder dá-nos apenas a medida da força da nossa tendência biológica fundamental, herdada directamente dos macacos e símios, nossos antepassados, para nos submetermos a um membro do grupo, dominador e todo poderoso. Por este motivo a religião se tem revelado extremamente valiosa como mecanismo de coesão social.”

Desmond Morris

Bento de Jesus Caraça, notável Matemático e pensador, impulsionador da Colecção Cosmos, já em tempos afirmava:

*“O senso comum, fruto de evidências passivas, não penetra na realidade profunda das coisas. Na sua procura de explicar racional e objectivamente a realidade, **a ciência vai ter uma luta contra o senso comum e a opinião**. A ciência nasce da necessidade que o homem tem de dominar e compreender a realidade que o cerca. O conhecimento científico pretende traçar um quadro ordenado dos fenómenos naturais e humanos.”*

A Cegueira, referida por Homero, na magistral metáfora de Polifemo, na terra dos Ciclopes – numa gruta situado no Actual Terreiro do Paço, na encosta do Bairro Alto – Odisseia; Canto IX, v. 180 e seg., aplica-se à credibilidade infantil da “Revelação de Deus e seus mandamentos.”

Deus não criou o homem, mas foi o homem que criou os deuses e com eles o Céu, o Inferno, o Purgatório, um rosário de Santos e Santas que mantém a arreigada usura que levou à queda do Império Romano, com quem se irmanou; usura que o grande vulto que é Lutero, com Calvino denunciou e, numa fase mais recente, a Revolução Francesa de 1789, então domesticou.

Os grandes crimes das seitas religiosas não estão nas cruzadas e no Tribunais de Santo Ofício, mas mais em terem procurado eliminar o Paganismo da nossa Proto-História que foi o da Humanidade e no combate furibundo à ciência e Investigação científica, como iremos referir.

“O eixo da História Universal situa-se nos séculos 800 a 200 a.C.. É a época que vai de Homero a Arquimedes. A era dos grandes profetas do Antigo Testamento e de Zaratustra, a Época dos Upanishades e de Buda, a época que vai dos Cantos de Shinking, passando por Láu Tseu e Confúcio até Schan-Tseu. Neste período foram adquiridas todas as ideias fundamentais das culturas seguintes. A ele incessantemente se vai regressar, graças aos Renascimento, na China, na Índia e no Ocidente.”

Karl Jasper.

António Coutinho, do Instituto Gulbenkian da Ciência, já havia advertido: *“as pessoas chegam ao fim da Universidade com uma informação muito precária em coisas fundamentais”... “tenho para mim que os intelectuais modernos são profundamente ignorantes. Desconhecem a quase totalidade do saber e, ainda por cima, nas questões que lhes interessam de perto.”*

As nossas Universidades mudaram drasticamente, sobretudo com o recente, programa da responsabilidade do actual Ministro da Ciência. Foram feitos acordos com três Universidades Americanas: Massachusetts Institute of Technology (MIT); Carnegie Mellon e Universidade do Texas, Austin.

Maomé, o criador do Islamismo, nasceu em Meca em 575 d.C. Para esta seita, Cristo é o Redentor anunciado pelos profetas no Antigo Testamento.

Jesus, em hebreu Jeshua = a Salvação, o Messias, anunciado pelos profetas, nasceu em Belém, da Virgem Maria, da raça real de David, em 25 de Dezembro de 749.

Falemos da Escolástica. E de algumas das suas ideias e feitos.

“A palavra Escolástica designa a filosofia cristã da idade Média, servindo para uma melhor compreensão da fé cristã.”

” A escolástica não se propõe formular *ex novo*, doutrinas e conceitos. Não se trata de encontrar a Verdade, que já foi dada pela revelação, mas apenas a entender...

...Falta-lhes completamente o sentido de historicidade, apropria-se de doutrinas e conceitos que pertenciam a sistemas profundamente diversos...

...Não tem verdade, inteiramente científica pelos fenómenos da natureza.

...”As tentativas feitas pelos astrólogos, alquimistas e magos para se porem em contacto directo com a Natureza, muito embora em objectivo quimérico de se apoderarem dos seus segredos e operarem milagres são consideradas diabólicas e como tais condenadas. Pode-se dizer assim, que o objectivo fundamental das Escolástica é a conciliação da fé e da razão.

N. Abbagnano e A. V. Salbergghi *in* História da Pedagogia. Liv. Horizonte. Lisboa p.183/5

A Escolástica foi sistema filosófico de ensino nas Escolas de teologia da Idade Média até fins do séc XVII. Tracemos alguns exemplos, históricos, da cegueira do misticismo.

“Em 1500, a Terra é o centro do Universo, no pensamento cristão de Aristóteles, com dez esferas, oito girando exteriormente à Terra. “Além destas esferas havia no Céu o Paraíso, do qual faziam parte o trono de Deus e a mansão dos eleitos. As esferas eram suficientemente densas para suportar na superfície exterior os planetas, quando mais próximos dela. As esferas eram movidas pelos anjos.”

Alan Smith in A Revolução Científica nos séc XVI e XVII, Verbo, Lisboa p.9

Sobre Kepler (1571-1630)

“No “Mysterium Cosmographium” começa por explicar o movimento dos planetas pelas forças das almas que os arrastam e guiam, diz no Epítome que não vale a pena recorrer às almas onde a acção das forças materiais ou semi-materiais, tais como a luz ou o magnetismo, oferecem uma explicação suficiente; ora o mecanicismo é suficiente precisamente porque os movimentos planetários seguem leis rigorosamente matemáticas.

Kepler soube descobrir as verdadeiras leis dos movimentos planetários - seguem rigorosamente movimentos matemáticos, mas é sempre dominado pela ideia de um mundo que é a expressão do Criador e mesmo da divina Trindade. Assim vê o Sol a expressão do Deus Pai, o Mundo estrelar o do Filho, e na luz e na força que circulam entre os dois, o Espírito.

E é, precisamente a esta fidelidade à concepção de um Mundo limitado e finito que não permitiu a Kepler ultrapassar os limites da dinâmica Aristotélica.”

A. Koyré in Études d’Histoire de la Pensée scientifique Ed Galimard

Newton (1642-1727) abolindo a magia e o sobrenatural, celebrizou-se com A Lei Da Gravitação Universal, enumerou a hipótese corpuscular da luz, assimilou Galileu, Copérnico e Kepler; construiu o telescópio, inventou o cálculo Infinitesimal.

A transcendência é uma separação violenta da ordem, da realidade, ocultando na poeira do esquecimento o realismo, a evolução da natureza humana na Proto-história – atingindo no Egeo-Pelasgo e na civilização Grega que seguiu, respeitando a nossa Mãe Negra, os cumes de eleição na arte, na filosofia e na maneira Grega de pensar.

Como foi possível, prevalecer, junto ao poder dissoluto, tantos milénios.

Nietzsche (1844-1900) bem clamou In “Suspeita de uma Calamidade”; “A Origem da Tragédia” ; ... “nada surge a não ser “O crescimento do Deserto” .

“Vontade do poder”....”enquanto sinal de fraqueza íntima temem a sua alma de escravos e cobrem-na com púrpura”.

Kant deu-nos a “Crítica da Razão Pura”; Christophe Ernest “A Comédia Humana”.

“A consciência escapa à imanência”...

Kierkegaard, o primeiro filósofo existencialista.

O Cristianismo continua a dizer-nos: QUEM NOS CRIOU foi Deus senhor do céu e da Terra... Doutrinando, desde a mais tenra idade.

“Bem aventurados os pobres de espírito, que deles é o reino dos céus.”. Mas hoje já dizem “em boa verdade eu (Cardeal Patriarca)”não posso afirmar que o céu existe, mas em boa verdade também não posso afirmar que não existe.”... ..

Assim chegamos aos dias de hoje, ainda pastoreados como pobres de espírito, tendo esquecido a nossa promissora, Proto-história, cantada por Homero na Odisseia, onde já refere a Cegueira que atacou, e ataca ainda, a Ordem Mundial e a Natureza Humana.

“A Génese da Humanidade” de C. ARAMBOURG, Ed. Europa América; Col. Saber, vêm dizer-nos: “ Foi a partir de 1836 que as descobertas de Boucher de Perthes, nos arredores de Abbeville, impuseram a ideia de uma humanidade muito anterior aos períodos mais antigos da história e contemporânea de animais “antediluvianos”. Na realidade, Boucher de Perthes demonstrou, de forma incontestável, que as antiquíssimas aluviões do Soma continham, juntamente com os restos de grandes animais desaparecidos, pedras intencionalmente talhadas que só poderiam ter sido feitas por homens primitivos. Aliás, para impor esta ideia em França, teve newismo de se apoiar na autoridade de sábios estrangeiros tais como Lyell, Falconer, Prestwich, etc.”

... “Longe de constituir na natureza uma incompreensível excepção, o homem liga-se decididamente, por uma longa série de antepassados, ao tronco comum donde sucessivamente saíram os diferentes grupos de animais que o acompanham no globo.”

“Esta noção, hoje admitida pela maioria dos biólogos, não se impôs de modo algum, sem luta: o problema das origens do homem é dos que têm levantado tempestades por causa das controvérsias metafísicas e extra científicas a que deram lugar.”
... ..”Os progressos psíquicos correlativos à evolução cerebral do ramo humano, não revelados pela sucessão e aperfeiçoamento das suas diversas indústrias”... ..

*... ..”A recente descoberta do *Atanthrophus*, e dos australopitecídeos e aquilo que hoje sabemos da distribuição por toda a África das mais velhas indústrias paleolíticas são de natureza a modificar totalmente esta primeira maneira de ver: o continente negro poderá muito bem, em vez da Ásia, ter representado um papel primordial na evolução da humanidade. É preciso não esquecer que este velhíssimo continente foi sempre um dos mais importantes focos de evolução e que lhe devemos o aparecimento e o desenvolvimento de numerosos grupos geológicos; vimos em especial, que aí nasceram os antropóides e que os primeiros representantes do ramo humanoíde aí viviam no início do Oligocénio.... ..*

*... .. **“Assim, da “bacia do “mar divino de sonoras margens” donde um dia sairia, da mistura de raças, as místicas e filosofias do Oriente, a nossa cultura helénica, teria sido também o crisol onde, na aurora do mundo, se consumou a evolução do nosso cérebro e a nossa elaboração do pensamento.”***

*Embora desconhecendo o papel dos Pelasgos-Atlantes no Egeu, na Idade do Cobre, o lúcido A. Arambourg, professor do Museu de História Natural de Paris, invoca dados geológicos, arqueológicos e paleontológicos do crescer da Natureza humana e refere a data de **1836**, como início do conhecimento científico; de que não fomos criados por nenhum deus, tendo passado milénios a ultrajar o brilhantismo da nossa proto-história, daqueles que fizeram evoluir o nosso cérebro e transmitir, com dignidade, o fanal da vida, por entre procelas e misticismos abjectos.*

“Nos Pitagóricos a purificação ascética exigida pela “Vida Orfica” já apresenta um aspecto novo: às abstenções e às renúncias rituais alia-se a forma mais elevada de purificação “apolínea”, que implica a dedicação à sapiência teórica, ao estudo dos mais puros objectos do conhecimento. Por um lado a Matemática, a Geometria e a Harmonia, a Astronomia, a Cosmografia e a Filosofia – em suma, o domínio da teoria pura – completam e, em certo sentido, relegam para segundo plano os aspectos propriamente rituais e religiosos das práticas de purificação da alma; por outro lado, adquirem um valor religioso, uma consagração apolínea, que converterão a forma de vida do sábio e do filósofo na forma mais elevada e mais grata aos Deuses.”

Mário Vergetti “O Homem e os Deuses in O Homem GREGO, Ed. Presença Lisboa, 1994

Junto esta transcrição em finais de Janeiro de 2011, quando a Turquia, o Egipto e um rol de povos árabes, por arrastamento, seguem o exemplo de Marrocos, Tunísia, Oman e da China de Xien Xhau Pin, tal como a Rússia terem abdicado do Comunismo.

Nasce uma nova Luz de Esperança se a Usura Universal e o misticismo forem controlados em grande escala.

– EX ORIENTE LUX - A EURO-ÁSIA

A Sul da Rússia situam-se os Cárpatos, cordilheira acima da Hungria, a Ucrânia e o Mar Morto, onde desaguam o Danúbio, o Dnieper e o Don; junto o Mar Cáspio, com o Volga e o Ural. Entre estes mares, o Cáucaso e os Montes Zagros; ladeando o rio Tigre, até ao Golfo Pérsico, fica o Sul do Planalto do Paquistão.

Segue-se, cerca do paralelo 40º dos referidos mares, o pequeno Mar de Aral e a Sul a Meseta do Tibete, o grande deserto de Gobi e a Manchúria, já na Ásia Central.

A Ásia Central forma uma grande elipse de eixo horizontal entre o mar Cáspio e a Manchúria, tendo a Norte o Casaquistão, coroado pela Federação Russa (planícies ocidental e setentrional da Sibéria) e a Sul, limitada pelo Irão, Afeganistão, Paquistão, China e Mongólia. É hoje uma amálgama de povos, de tradição nómada, miscigenados com deportados pela colonização russa. Mosaico étnico de origens longínquas: indianos, iraquianos e tadjiks.

O poeta Kazakh dizia a Ásia Central uma rosa brotando no interior do continente. Cada pétala é um dos quarenta povos.

A rota da seda é aqui a mais longa rota comercial do mundo, com cerca de cinco mil quilómetros, ligando o Mediterrâneo à China. Grandes e milenares cidades – Samarcande, Khiva, Peoukhara – dominando culturalmente os invasores; milhares de monumentos, com milhares de anos.

É dum pólo deste mundo, com desertos, montanhas de neves eternas, estepes e oásis, que etnias arianas de civilização milenar, com a coesão que a língua sânscrito lhe dá, tendo domesticado o cavalo, inventado o freio e os estribos e concebido nova filosofia de vida – o Si (self) ariano, parte para o mar Egeu recebendo a designação de Aqueus, com papel relevante na formação da Grécia arcaica.

Interessa notar que no domínio da Arte, já no Paleolítico, a prodigiosa “apropriação da realidade” dos primeiros clássicos da Arte Franco-Cantábrica, numa afirmação de consciência colectiva de segurança e de libertação pela arte, gravaram nos tectos das cavernas, para todo o sempre, as fontes da sua alegria e liberdade de sentir – testemunho da mesma libertação e alegria que afirmavam nas cerimónias guerreiras, nas festas, no cantar e nas danças.

O homem aspira libertar-se, mas os milénios passam e só no Neolítico, com o advento da agricultura, uma das suas maiores invenções, adquire o sedentarismo, a rápida proliferação da prole, o aparecimento de grandes cidades e de civilizações nos vales dos grandes rios.

Com a milenar civilização ariana das estepes, já referida, surge um elemento novo: o domesticar do cavalo, a invenção da roda, do carro de combate e de um homem novo, que podemos caracterizar com Si (self) ariano.

O Neolítico é caracterizado pela vida sedentária, pelo boi e o arado; separadas as grandes civilizações por espaços desérticos ou marginalmente ocupados; com uma única excepção: as etnias arianas, das estepes da Euro-Ásia; falando línguas sânscrito; tendo, c. 3.500 a. C., domesticado o cavalo e inventado o estribo e as rédeas, para melhor segurar o arco e a flecha.

Depois de milénios de evolução, em condições muito adversas, com o cavalo, armadas de arco e flecha, de não muito sedentárias, passaram à imparável mobilidade de sucessivas migrações Danúbio acima e depois o Reno, ou pelo funil dos Dardanelos, ocupam a Grécia e a Suméria, com as etnias dos Medos e dos Persas.

Na mesopotâmia do Crescente Fértil, ocupada pelos Sumérios, desde o terceiro ou quarto milénio, já com as primeiras cidades de Ur, cresce a brilhante civilização Sumério – Ariana. As nove Tróias, construídas e arrasadas, durante milénios, são testemunhas das sucessivas migrações dos povos arianos.

16 . 1 – CIVILIZAÇÃO SUMÉRIO – ARIANA



Esta peça, trabalhada em bronze, diz-nos o nível atingido pela arte, na Suméria, nesta época que estamos tratando – a Idade do Bronze. A seguir vamos referir o busto da Rainha de Ur, datado de c. 2700 a.C. ornado de preciosas jóias e filigranas e o Código de Hamurabi, o redentor de Babilónia.

Sabemos que **água**, na língua dos Etarras, oriundos da cidade de Samarra, próxima de Ur e Urac, as primeiras cidades do Mundo, é **Uria** – daí podemos deduzir o amor que estas populações tinham por este primordial elemento da vida e da agricultura. Expandiram esta palavra pelo seu mundo, desde as montanhas dos Urais que vem do pólo ao Mar Cáspio...

Todos estes valores civilizacionais foram assimilados, tal como os do Egipto pela poderosa marinha dos nossos Pelasgos – Atlantes, na Creta Minóica, em Esparta e, sobretudo na célebre Atlântida – suplantando-os com a sua poderosa marinha propiciadora de múltiplos contactos, da organização de poderosos *clusters*, que, no seu conjunto ordenaram e ergueram o espírito humano na arte e na filosofia de vida, a proto-história da humanidade, que foi a nossa, da Grécia e a da Europa.

Obtive o desenho do busto de uma mulher da civilização Suméria, feito a partir do túmulo da cidade de Ur, datado de cerca de 2.700 a.C., pertença de um Museu do Iraque, que deve ter sido destruído na presente Guerra.

Ficou-nos o espantoso desenho. A partir dele, pensei colher alguns dados, acrescentado o que da civilização da Suméria rezam os historiadores.

O busto é de uma mulher alta, robusta, bela, com a serenidade dos trinta e tal anos.

A cabeça é coberta por folhas sobrepostas de loureiro, certamente em ouro. As tranças do cabelo aparecem de um lado e do outro do esbelto pescoço, por cima de um robusto torque e diversos colares, com medalhão entre os seios nus. Coroa ainda a cabeça um conjunto formado por três belas flores de curvados pedúnculos. Nas orelhas largas arrecadas.

Beleza de mulher e requintada ourivesaria do terceiro milénio a. C., testemunho eloquente da dignificação da mulher, numa civilização que defendia já valores éticos.

Posteriormente, fico a saber, que nos povos da Ibéria “*constitui um caso especial as chamadas “estelas diademadas”, com as quais se representam mulheres com um complexo toucado na cabeça. Dada a riqueza, já comentada, no conjunto de jóias de ouro nesta zona, propôs-se que as mulheres podiam ter um importante papel no estabelecimento de alianças entre os grupos vizinhos, pelo que muitas destas jóias foram interpretadas como dotes de noiva. As estelas diademadas foram assim consignadas como versão feminina das que ostentavam uma representação varonil.*”

“*A conexão entre os grupos locais e os contactos atlântico – mediterrânico aprecia-se melhor na zona portuguesa, na Baixa Estremadura, devido a circunstâncias de carácter natural: por um lado a posição estratégica dos rios Tejo e Sado com as terras interiores...*”

Ficamos, assim, com mais condições de relação, a partir da informação dada pela referida mulher Suméria, do Terceiro Milénio a. C., colhida in “*La Pré-história*” de Veja Toscano, J. B. Aubán e Teresa C. Brunet, que nos “*expõe linhas mestras da Península Ibérica, primando sempre por processos de grande escala sobre detalhe local, o contexto de troca cultural sobre a enumeração exaustiva de jazidas com a dinâmica evolutiva sobre a descrição arqueográfica.*”

Admirável estudo, com muitas referências inéditas à Pré-História dos nossos sítios.

O investigador perde, por vezes, muitos dias na procura de condições de relação que o encaminhem; outras, assim não é!

Eis que, numa barraca de venda de livros, à entrada da Linha do Estoril, no Cais de Sodré, Lisboa, vejo um título que me agrada: *História Universal. 1. Da aurora da civilização ao Crescente Fértil, Carl Grimberg; Pub. Europa América, 1940, 18 vol..*

Tinha eu o retrato sedutor de uma mulher suméria e, nesta publicação, a pag 67 do 1º vol., um probo historiador Sueco a ela se refere, sem retrato; nem tal era necessário, porque eu já o tinha... Coincidência de pasmar! Assim foi. Diz-me Carl Grimberg:

“Os Templos de Ur e de outros lugares dão-nos uma ideia bastante ampla do nível cultural dos Sumérios e das suas qualidades de engenheiros e artistas, assim como da sua riqueza. E, contudo, têm-se feito descobertas ainda mais importantes. Em 1926-28, a expedição de Woolley descobriu os *túmulos reais de Ur*.

“Woolley pensa que estes túmulos datam do período que vai de 3000 a 2700 a.C.. Pesquisas mais recentes levam-nos a situá-los dois ou três séculos mais tarde.

Tratava-se de uma necrópole relativamente grande, onde os túmulos estavam colocados uns por cima dos outros; contaram-se seis filas deles. Os túmulos pertencem tanto a cidadãos comuns como a nobres. Os mais ricos foram pilhados já na Antiguidade, provavelmente quando eram ainda muito recentes.

“Em duas destas sepulturas jaziam Abargi e Shubad, que, segundo Woolley, eram rei e rainha. O túmulo do rei tinha sido pilhado, mas o de Shubad estava intacto quando os arqueólogos nele entraram. Além disso, num poço fora do túmulo foi encontrada uma grande quantidade de objectos, assim como restos de homens e de animais, sacrificados aos defuntos.

“O tronco da rainha Shubad estava inteiramente coberto de adornos de ouro e de pedras preciosas; na fronte ostentava um maravilhoso diadema. Usava também uma espessa peruca, tendo à volta um pesado anel de ouro, (*torque, digo eu*) ao qual estavam fixadas três cadeias, uma das quais, formada por pequenos anéis de ouro, descia para a testa; a segunda representava folhas de faia e a terceira folhas de salgueiro, ambas de ouro puro, evidentemente.

A partir das estátuas e dos crânios descobertos, um hábil especialista pôde modelar, com a colaboração de um antropólogo, a cabeça de uma mulher suméria. O vestido de Shubad estava tão bem conservado que pôde ser colocado nesse mesmo modelo; pudemos assim imaginar a rainha em todo o seu esplendor.”

A brilhante civilização Suméria sofreu no ano 3000 a.C., durante cerca de sete dias, um grande Dilúvio, vindo das montanhas que cercam os mares Negro e Cáspio. O Babilônio especulou a terrível ocorrência, como castigo de Deus. Deve ter sepultado cidades e campos, mas veio logo o bom tempo e o homem recomeçou com coragem redobrada, pois o Dilúvio os compensou acrescentando cerca de cento e cinquenta quilómetros de lodos á Mesopotâmia do Tigre e do Eufrates.

E, à brilhante civilização Suméria sucedeu a dos Medos e dos Persas, com Hamurábi abrindo canais nos novos lodeiros, transformando Babilónia, na capital do Mundo.

Foram os Sumérios que inventaram a roda, como prova o estandarte da cidade de Ur, bordado a seda e ouro tendo uma carroça de quatro rodas puxada por uma parelha de burros. Inventaram também a escrita cuneiforme e com Hamurábi escreveram o Famoso Código de Hamurábi, o primeiro do mundo.

Com a associação dos arianos a esta primitiva Civilização Suméria, mais tarde conquistada pelo Reino Hitita, do III e II milénio a.C., da contígua Anatólia, a natureza humana ficou dotada de um somatório de conjuntos de matrizes inovadoras, no espaço e no tempo, que permitiram o desabrochar da civilização helénica, com o modo grego de pensar, a filosofia dos Pré-Socráticos, o nascer das ciências, as referências vindas da Civilização Indo-Ariana, com os Vedas e os Upanishades, com as migrações Hititas para o mundo Ibérico, com o Nascer da Europa – pré-romana.

16.2 – O CAVALO E O BURRO



Entre os mares Negro e o Cáspio, ligados pelas montanhas do Cáucaso, etnias de nómadas-pastores, senhores de uma civilização milenar, que elegia seus chefes e tinha como expoente maior da sua civilização a língua sânscrito Centum – que veio a dominar todas as línguas europeias – o homem teve uma ideia genial: cerca de 3.500 a. C domesticou o cavalo. Pouco depois inventou o freio, a sela e os estribos – estes para libertar as mãos para o uso do arco e a flecha. Passou despercebido aos historiadores, este genial feito tendo no mundo maior repercussão do que a bomba atómica. O homem e o cavalo, inseparáveis, treinam e atingem juntos cerca de uns cinquenta km / hora! Viabilizando amiudados contactos, comércio, migrações, poder, miscigenação ...

Pouco depois aparecia a roda da carroça, do oleiro e do carro da guerra. Lembremos quantos milénios passaram até, com o carro e o comboio, atingirmos 30 – 40 km/ h.

Podemos também lembrar A Deusa Atlante, mosaico de tégulas de, Cartago, no Museu Britânico. “A Deusa Atlante monta um cavalo de pelagem ruça ou rato de morfologia idêntica à do Sorraia e do Lusitano actual”

Arménio R. Cordeiro in “Cavalo Lusitano, o filho do Vento” Ed. Inap.

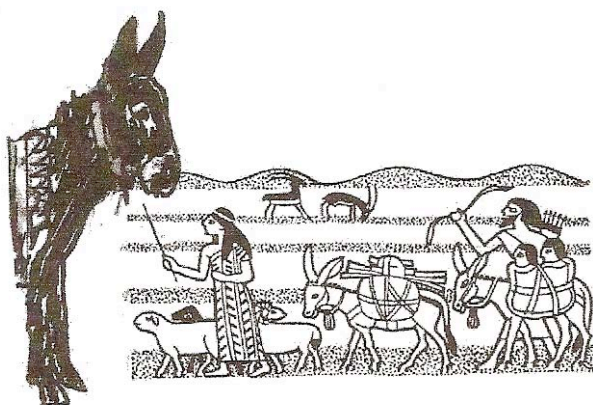
Este admirável mosaico nada tem de romano e vai possibilitar comparar com os nossos, tidos, tal como C. Celas e o Primitivo Templo de Almofala por romanos...

É com esta miscigenação que as comunidades se humanizam e progridem quebrando o tradicional isolamento que leva os povos a vegetar, tal como até hoje Portugal o sentiu a partir do século XVI. Costumo referir o caso do nosso maior poeta Fernando Pessoa. Nunca teria sido Fernando Pessoa se não tivesse emigrado, passado o Equador e recebido a cultura Inglesa. Sucedeu o mesmo com o Marquez de Pombal, outra grande estrela esta da política portuguesa.

Na Holanda, país de exilados, com quem o nosso Espinosa contactou, deve a esses contactos a sua notável contribuição para a filosofia com a monumental "Ética".

Lembro outro: António Damásio nos seus avançados estudos sobre o Cérebro, entre outras obras com "Ao Encontro de Espinosa".

Sobre o poder do cavalo, de que nós temos algumas das mais evoluídas raças do mundo, só lembro que o poder da cavalaria Mongol era tal que levou China a construir a Grande Muralha, das maiores empreendidas pelo espírito humano.



A bela e elucidativa gravura mostra o papel do burro no país que se julga ser originário - o Egipto. Servindo o Faraó, em grandes e longas caravanas aos países e regiões que exploravam e vendiam ouro, entre eles Ofir. Curioso que no nosso país haja uma terra com este nome. Conta-se que uma destas caravanas de meia centena de animais e respectiva escolta morreu numa zona do deserto à sede.

Servia também o plebeu, como a nossa gravura mostra. Os artefactos do burro são o cabresto à volta da cabeça, com a respectiva rédea e nestes à volta do pescoço também um gizo; depois temos a albarda, estas com peitoral, feita de colchão de palha debruado a cabedal, e apertado ao corpo com uma cilha de cabedal. Sobre a albarda, como é notório no burro de trás tem umas cangalhas de madeira que suportam melhor a carga, equilibrando-a nos dois lados. Normalmente estas cangalhas tinham dois buracos de cada lado para supor de quatro cântaros de água. Neste caso transporta dois filhos, não mostrando o desenho como os equilibra do outro lado. Neste belo caso temos o regresso a casa ao fim de um dia de trabalho conjunto.

A bandeira do povo Suméria tinha desenhado na seda, a ouro, uma carroça de rodas de madeira, puxada por parelha de burros.

No nosso país já no tempo de Viriato era este animal responsável pela abertura de veredas e caminhos, sendo conhecido o dono com o nome de almocreve.

Viriato, após a traição de Galba, foi nomeado chefe dos Lusitanos. Reuniu todos os cavaleiros e ordenou-lhes que se dispersassem e reunissem depois na aldeia de Triboli. Ver no mapa Espagne Ancienne a posição da referida aldeia, hoje Marialva.

Viriato criou à volta desta e de outras serras a guerra de guerrilhas, surpreendendo as pesadas legiões romanas que tiveram de chamar a sua melhor cavalaria. Mas esta nada pode fazer contra a tática de Viriato, conhecendo bem os seus cavaleiros os caminhos, veredas e corregos pelos quais surgiam ou se esgueiravam pós o ataque surpresa.

Viriato revelou-se um chefe militar ao nível de Aníbal, tendo Roma de o eliminar pela Traição.

Nos meus tempos de menino, no Lugar de Ferro, aldeia frente à Covilhã, do outro lado do Zêzere, tal como em todo o país, havia milhares de burros, companheiros dilectos da mulher - quem mais trabalhava no chão, onde colhiam frutos e legumes, sendo os excedentes vendidos no mercado citadino – o homem ia dar o dia às quintas ou propriedades que o solicitavam.

O burro continuou nas Beiras como noutras províncias, o companheiro fiel da pequena exploração agrícola. Com o almocreve ele levava para a cidade géneros alimentícios e dela trazia panos, remédios ou outras encomendas. Sobretudo o transporte de odres de vinho ou de azeite era feito por intermédio de burros ou de machos, mais corpulentos e fortes.

O burro é um ser inteligente dizendo-se que quando queriam abrir caminho entre duas localidades era só largar o burro no local do destino, e segui-lo, que ele traçaria o melhor trajecto.

A burra da madrinha de minha mulher, que tinha a loja por baixo da cozinha com porta de madeira e grande chave, como o eram antigamente - a burra finda a faina dirigia-se para a sua palheira, sabendo já abrir a porta, rodando a chave com os dentes.

Uma história que vinca bem a miséria que grassava na Serra, ainda no século Salazarento.: Dizia minha Nada e criada na referida aldeia, que um pobre diabo que nas faldas da serra arrendou um Chão, querendo semear uma leira de centeio, arranjou ele um arado de pau para lavrar a Terra.

Ufano, arranjou uma canga para o arado e encetou a lavoura colocando à canga a burra e a mulher.

Clamando “Chega-te à burra mulher”!

Lembro que no Reino Hítita, séc. XIII-XII a.C. o comércio, incluindo objectos de ouro e cobre, era tradicional utilizando o macho ou o Cavalo.

Neste período da Proto-história que estamos investigando, são de facto conjuntos de matrizes inovadoras, no espaço e no tempo, que indicamos, os principais - responsáveis pelo processo histórico.

– OS ARIANOS NA GRÉCIA

A experiência é a base da inovação, atingindo relevância económica quando revelada na arquitectura, perpetuada no granito.

Já na primeira parte deste trabalho referi a páginas da história da Grécia, relacionadas com a arquitectura, que ao fim e ao cabo bem a representa, visando realçar a genuinidade e a paternidade de Centum Celas e do primitivo Templo Grego de Almofala.

Ainda não pensava no Si (self) ariano como etnia – tronco responsável, com dezenas de apelidos, de miscigenações, de territórios ocupados ao longo de milénios, mas sempre com uma característica comum: o Si (self) ariano, as línguas Sânscrito Centum, as formas institucionais comuns, a arte de bem cavalgar, o Bilhete de Identidade que seria adoptado pelos Pelasgos-Atlantes da arte megalítica, que a Grécia assimilou, transmitindo-o à Cidadania Europeia.

Na Grécia, aos primeiros invasores vindos dos Balcãs, através da Ilíria e do Epiro chama-lhe Homero Aqueus. A actuação destes invasores sintetiza-a bem Mário Castis Giordani, na “História da Grécia na Antiguidade Clássica” ed. Vozes, Petrópolis, 1992. Daqui transcrevemos uma pequena e bem elaborada síntese:

“Da fusão dos invasores com os elementos já estabelecidos na Península surgiu uma nova civilização que se manifesta por uma lenta infiltração. No século XVI a.C. encontramos os aqueus, audazes guerreiros, instalados em Micenas e fundadores de uma civilização em que se notam **importantes elementos cretenses**.

“Guerreiros altos, fortes, musculosos e louros, esses indo-europeus possuem uma inteligência viva, unida à grande capacidade de assimilação. Sabem aproveitar-se do legado cretense criando uma civilização original, que Glotz tão bem caracteriza:

“ É, por excelência, uma civilização mista, o fruto de um enxerto insular e pré-helénico sobre um tronco do continente ao mesmo tempo indígena e Aqueu. Tomando de empréstimo seus principais elementos simultaneamente à Creta pré-ariana e à Grécia já em grande parte indo-europeia, ela aparece como uma composição preciosa do génio de duas raças, uma bem envelhecida, outra bem jovem. É o produto de uma evolução que foi mais ou menos rápida, mais ou menos completa, segundo as regiões; é mais ou menos cretense que heládica na Argólia e menos na Beócia; permanece até ao fim mais helénica que cretense na Grécia Noroeste e na Tessália.”

Os invasores aqueus não limitam o seu poderio à Península Helénica, mas estendem-se sobre o Mar Egeu.”

Valeu a pena esta primorosa transcrição, também aplicável à Índia e à Península Ibérica e a outros lugares com quem o Si (self) ariano se miscigenou. É o frutificar da vida do espírito, o dealbar do Humanismo, da Filosofia, da Europa, na Infância da Humanidade.

Do que fica exposto uma conclusão podemos tirar: poucas raças são puras, todas as civilizações foram sujeitas, ao longo do processo histórico, a migrações várias que as enriqueceram.

Há, no entanto, bem conhecidas, duas civilizações do Mediterrâneo que por razões históricas do seu isolamento, podem ser denominadas raças: os Judeus e os Ciganos. Ambos, creio Pelasgos Atlantes, **não miscigenados**, atraídoando a nossa Mãe-Negra, errando pelo mundo.

17. 1 – O SI (self) ARIANO NA ÍNDIA

A civilização da Índia pré-histórica foi desconhecida a Ocidente, como sucedeu a outras importantes civilizações. Surpreendendo-se a Europa quando Sir William Jones, em 1789, relata histórias desse passado misterioso, afirmando o sânscrito, trazido pelos arianos à Índia, afim das línguas europeias e o nosso parentesco racial ariano.

Cerca de 1500 a. C., os arianos introduzem na Índia o seu idioma, usos e costumes; e os seus deuses: Indra, Dyn – o céu e o dia (o Zeus Grego) e Mitra – o Sol e o Espírito.

Estão na origem da escrita cuneiforme, também seguida pelos assírios e pelos babilónicos.

Os arianos encontraram na Índia os Harappas, no vale do Indo, com uma brilhante civilização agro-pecuária e desenvolvimento urbano. Juntos evoluíram para o regime de castas: os Brâmanes – letrados e sacerdotes; os Xátrias – reis, nobres e guerreiros; os Vaixás – pastores e mercadores; e os Sudras – os Indianos não brancos, os intocáveis.

Os Arianos introduziram ainda os Upanishades, com outros textos da tradição oral, fazendo parte dos Vedas – o saber por excelência. Upanishades significa o combate à ignorância pelo conhecimento do supremo espírito.

São livros sagrados explicando o caminho para o desenvolvimento pela meditação dos temas espirituais da vida nas comunidades humanas. A casta superior dos Brâmanes lia e meditava os Vedas e os Upanishades à sombra das figueiras.

É bom lembrar que na Índia, como no Egito e em outras velhas civilizações, situações, como esta que W. Durant nos descreve:

“ A prostituição em regra se confina aos Templos. No Sul as necessidades do macho eram satisfeitas pela providencial instituição das devadâsis – literalmente “servas dos deuses”, na verdade prostitutas. Cada Templo Tamil possuía um bando de “mulheres sagradas”, cuja função era primeiramente dançar e cantar diante dos ídolos e depois, talvez, divertir os brâmanes. Algumas viviam em reclusão quase conventual; outras estendiam os seus serviços a todos os que pagavam, com a condição de parte da fêria ir para a mão dos sacerdotes.”

Em todos os tempos, os sacerdotes manifestaram particular cuidado por angariar dinheiro e jóias em ouro, como o provam os cofres de Fátima, no século passado ou, a nível universal, o Vaticano; com a maior densidade de ouro e de prata por metro quadrado à superfície da Terra.

Não podemos culpar só as seitas religiosas da futilidade da usura, da sumptuosidade dos seus palácios e templos, mas sim o seu conluio com a mediocridade, fausto e usura das classes dirigentes.

A civilização foi sempre obra de minorias. Já no séc VI a.C a China feudal teve Lau-Teseu e Confúcio, a Índia a pregação de Buda e de Gina, no Irão pregou Zaratustra,, em Israel Geremias, Ezequiel, na Grécia nasceu a Filosofia com os Pré-Socráticos discernindo sobre o Mito e a Razão, escrevendo obras sobre a Natureza, precursores do pensamento científico moderno – Nietzsche, Heidegger, Hegel, Espinosa.

“Por certo não é mau para a saúde do espírito pensar que vivemos num mundo que ultrapassa as dimensões humanas. Também não é mau que os homens nesse séc. VI a.C. tenham pensado submeter essas famosas forças obscuras ao exame da inteligência; heróico empreendimento, que obrigará o ritual a recuar perante o entusiasmo do coração e o formalismo perante a razão! Depois das puerilidades sangrentas da miscelânea mágica, chegou a época da embrulhada filosófico-moral para pessoas crescidas.”

Will Durant

– O CRESCER DA NATUREZA HUMANA

A vida do homem enraíza no Mundo animal. Há três ou quatro milhões de anos, em África, o futuro homem saiu da floresta densa húmida para a savana seca, no Olduvai, entre a brecha do vale e o Índico. Pôs-se de pé para ver melhor, melhor utilizar as suas mãos e poder correr.

Há 200 Milhões de anos surgiram os primeiros mamíferos; há 70 M. anos. os Primatas.

2 Milhões de anos surgiu o ***Homo habilis***.

30 – 10 Mil anos a. C., no Paleolítico Superior: Arte, preocupações estéticas, objectos de adorno; No Soloutrense sup.: arpões, ponta de flecha em folha de loureiro, uma jóia esmerada; propulsores, arco e flecha. – obra prima, de engenho.

C. 7.000 a.C – No Crescente Fértil, no Neolítico, a invenção da Agricultura e a vida sedentária.

C. 3.500 a.C. – A milenar civilização das etnias arianas do Cáucaso, falantes do Sânscrito e, com vida comunitária, domesticam o cavalo, inventam o freio e o estribo, atingem c. 50 km / h e, em migrações sucessivas, durante séculos, invade as comunidades agrárias do Neolítico.

C. 4º Mil – 2700 a. C. - Civ. Sumério – Índiana.
Os Vedas e os Upanishades

C. 2.400 a.C – Stonehenge; os Menires de Carnac: a Civ.Megalítica ; Acordo entre Egípcios, Gauleses e Pelasgos-Atlantes do N. de África; edificam os Castros, conquistam a Sardenha, com os Gauleses e Egipcícos promovem a exploração intensiva do estanho da Cornualha..
A Sardenha cria poderosa frota no mar Sardun e, seduzida pela linha do Horizonte conquista Creta e o “Egeo – Pelasgo”

1.200 a. C. Idade do Ferro.Tene e Hallstatt
A arte Celta

1.200 a.C – Fortes convulsões vulcânicas no Santorini, **vaporizam a célebre Atlântida**, deixando a Santorini actual, das Açoteias; os “Sea Peoples” e a instabilidade criada pelos Dórios originam a queda da Creta Minóica e migrações Hititas e de outros povos rumo a Ocidente

c, 1200 a.C. – Os emigrados fundam o Reino dos Tartessos, Reino dos Cónios,- no Algarve e Baixo Alentejo com as Açoteias, a azul e branco, tal como hoje em Santorin; Sagunto, junto à foz do rio Iberus, hoje Catalães; os Etruscos nas suas nascentes e os Etruscos, na Etrúria.

Os Dórios, com descendentes de Pelasgos e o Jónio Pitágoras fixam-se na Magna Grécia, onde enriquecem, criando poderosa marinha, transportando para o renovado Porto de Pireu, trigo colhido nas planícies, gado e madeiras nas encostas. Chamam os melhores arquitectos e erguem os seus Palácios e, com a escola Esotérica de Pitágoras, trinta anos emigrado no Egipto, criam o maior Santuário de Templos da Ordem Dórica da Arquitectura Grega.

É desta comunidade que c. séc. VI a.C. partiu a Sociedade, destinada à exploração do ouro e estanho, que criou raízes na Rota Lusa do Ouro e do Estanho e ergueu a “Enigmática”, Torre de Centum Celas e o Primitivo Templo Grego de Almofala.

C. séc. V a. C . – Auge do Helenismo.

c.séc VI a. C. – Colonização Greco-Túrdula na Rota Lusa do Ouro e do Estanho da Lusitânia, com a edificação de um rosário de povoações na referida rota, hoje pequenas vilas.

“Perante as antigas potências arruinadas – Egipto e Mesopotâmia – e os impérios arianos (Medo e Persa) que receberam a herança daquelas, os Helenos, produtos de uma mistura de migrações sucessivas, apresentam a força jovem do Universo nos séculos VII e V a.C.. Com eles o génio ariano emerge das trevas para levar a cabo uma das mais importantes, revoluções da humanidade e criar as bases do mundo moderno.”

Germain Bazin, in História da Arte

Nota: Esta enumeração de *Conjuntos de Matrizes Inovadoras no Espaço e no Tempo*, vai proporcionar-nos uma preciosa análise, que prova que Germain Bazin têm razão, conquanto desconheça a dádiva que os helenos receberam, do hoje por eles denominado “Egeo-Pelasgo”, notável contribuição como uma mutação humana, no Nascer da Europa.

18 . 1 – DAS PINTURAS RUPESTRES DO ATLAS ATLÂNTICO AOS CASTROS, SARDENHA E “EGEO- PELASGO”

– HOMERO NA ODISSEIA

Como o demonstrou o professor Marcelo Magnasco, director do Laboratório de Matemática e Física da Universidade de Rockefeller N.Y. , a partir de quatro acontecimentos astronómicos e do eclipse que Homero relata, com precisão – Se considerarmos como exacto o acontecimento da matança dos pretendentes, o dia do eclipse, poderemos deduzir cientificamente que tal ocorrência teve lugar no dia 16 de Abril de 1178 a.C.

E que todos os acontecimentos descritos na Odisseia são exactos.” Publicado na Revista “Proceedings of the National Academy of Science PNAS”. E que estes migrantes são Pelasgos!! – o que implica a ocorrência do sismo c. 1.200 a.C., pouco antes da chegada dos Dórios.

Como se prova Heracles tinha como 11º trabalho a colheita dos pomos de ouro da Hespérides, conhecimento dado pelos Pelasgos, que o astuto Ulisses aproveitou.

Tenho outra informação, ***muito importante em “Homère Odyssée”; traduction de Victor Berard (1864-1931) - Le Livre de Poche, Introduction et notes de Jean Bérard***

“” Par ailleurs, de nombreuses tradition se rapportent à de très anciens mouvements de population en Méditerranée, du Levant vers le Couchant, ou réciproquement; et certaines populations de l’Italie étaient regardées comme originaires du bassin égéen: ainsi les ancêtres des Etrusques étaient considérés comme parents des Pélasges, c’est à dire des Prés-hellènes, et comme venus de Lydre s’établir en Italie centrale à l’Age des Héros. Depuis que les découvertes archéologiques ont attesté des contacts entre les pays égéens et les mers italiennes dès l’époque mycéniennes au moins, ces traditions ne peuvent plus être ténues pour de pures fables.

Or, quand on étudie la généalogie des monstre, des peuples merveilleux, des dieux et des déesses qui assaillent ou accueillent Ulysse dans sont long périple à travers la mer du Couchant, ont remarque qu’ils appartiennent pour la plupart au plus ancien monde mystique de la Grèce. L’Iliade a pur sujet la croisade des Achéens contre les Pré hellènes qui conservaient le principal bastion de leur résistance. Dans l’Odyssée le lointain périple d’Ulysse ne nous montre-t-il pas le plus rusé des héros achéens s’en allant dans la mer du Couchant visiter ceux de ces Pré hellènes qui y avait cherché refuge lors de l’établissement des premiers Hellènes en Grèce, et ces Pré hellènes des mer occidentales ne sont-ils pas à l’origine des monstrueux ou divins personnages des Récits chez Alkinoos?

Por esta informação, confirmo o que já deduzira – que a migração de Cónios, Tartessos e Túrdulos, para a Ibéria, Etarras para as nascentes do rio Iberus e dos Etruscos para o N de Itália - Toscana é anterior à Odisseia de Ulisses, já que o seu regresso foi e a 16 de Abril de 1178, Os séculos obscuros, “os Sea Peoples”, o fim do Reino Hítita, a pulverização da Atlântida, a migração – fuga dos povos já referidos para Ocidente, têm uma só causa: a colossal, das múltiplas explosões do Santorini, c. 1200 a.C.

Que dizer dos que denegriram Homero, dos que situavam a Atlântida nos Açores, e as Hespérides em Itália, da arca de Noé e dos crimes cometidos pela usura e ultraje à mãe que nos criou, praticados no passado e no presente de todas as novas seitas religiosas?

Os Pelasgos, descendentes de nossos ancestrais avós, regressam à Terra-Mãe, sem que nenhum historiador, antropólogo ou arqueólogo o tenha reconhecido – lembrando-nos o maior feito da nossa história, que faz parte da Ascensão da Natureza Humana, na sua Infância.

Os povos progridem relacionando com outros o seu conhecimento e cultura. No Ocidente europeu os Galegos, Portugueses, Catalães, Etarras e Etruscos têm de comum a cultura e história dos Pelasgos e cadeias genéticas que uniram, no passado, o seu e nosso futuro.



O DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARÍTIMO PARA A HESPÉRIDES DOS POMOS DE OURO, POR ULISSES NO séc. XII a.C., RELATADO POR HOMERO NAS ÚLTIMAS PÁGINAS DO CANTO V DA ODISSEIA, c. séc. VIII a.C.

Fabulosa epopeia a de Ulisses no séc. XII a.C., a que o astuto Homero associa os Deuses do Olimpo, criando no séc. VIII a. C. a Odisseia – livro didático do seu povo durante séculos. Se a Civilização Europeia recuperou os Jogos Olímpicos do tempo de Homero, **porque não recordar, sobretudo aos professores das nossas escolas, a origem histórica de Ulissipo, com tão genial poesia expressa na Odisseia?!**

Legendas do mapa:

1 – Após a Guerra de Tróia – Ulisses esquece a sua quinta, em Itaca, pensa descobrir as Hespérides dos pomos de ouro, no “ Mar Oceano que circunda a Terra”, a Ocidente. Faz-se ao Mar. Canto V, v. 269 e seg. – regressando a casa, só passados vinte anos, assassina os pretendentes de sua esposa em 16 Abril 1178.

2 – “Dezassete dias vogou ao largo, ao 18º, por fim, os Montes dos Feaces surgiram...” Posídon, vindo dos Etíopes, vê Ulisses e, de imediato, desencadeia furiosa tempestade. Canto V, v. 280 e seg.

3 – Ao dobrar o Promontório de Sagres, vale a Ulisses a Deusa Atena. Canto V. v. 382 e seg.

4 – No Cabo Espichel, à fúria máxima de Posídon opõe Ulisses as recomendações de Atena e, na crista de enorme vaga é atirado para o mar das arribas fósseis da extensa Costa da Caparica. Canto V, v. 400 e seg.

5 – Ulisses nada, ao longo da Costa, para a sua Angra – onde o rio Tejo se faz ao Mar. Canto V, v. 438 e seg.

6 – Subindo o rio, Ulisses vê a Hespérides, no vale do actual Terreiro do Paço a Sete Rios, com as encostas do Castelo, a do Bairro Alto e outras, e dorme aí a primeira noite. Canto V, v. 479 a 493.

Todo este conhecimento, de há cerca de três mil e tal anos, é parte integrante da História da Europa, da nossa identidade, símbolo da maritividade, que Ulisses primeiro rasgou.

É das maiores conquistas do espírito humano para a humanização – a natureza humana apropriando-se do conhecimento do meio ambiente, navegando com as estrelas do céu!

- Homero continua a ser vilipendiado, assim:

Homero e Hesíodo inventaram os Deuses do Olimpo, os Jogos Olímpicos, o modo grego de pensar. Encaminharam a Grécia rumo às Ciências e às Artes e ao Partenon! As posições assumidas contra o seu Paganismo e modo de pensar dos filósofos pré-Socráticos, leva-me a considerar o senso comum que, fez sentar Galileu no Tribunal do Santo Ofício.

Ora, o nome de Ulíssipo, dado por Ulisses à cidade de Lisboa, e a evidência geográfica que investiguei, o estudo que fiz, lendo em Centum Celas os Princípios da Ordem Dórica da Arquitectura Grega, confirmados com o Primitivo Templo de Almofala, construídos c. séc. VI a.C. na Rota Lusa do Ouro e do Estanho, ***dão-me direito a afirmar que o tratamento dado a Ulisses e Homero é semelhante ao dado a Galileu-Galilei!***

Perante a Inquisição, Galileu abjura o seu conhecimento, ao levantar-se, afirmando o célebre dito: “E pur, si muove”!

Um dos nossos melhores poetas, António Gedeão, escreveu um célebre “Poema para Galileu”:

“Eu queria agradecer-te Galileu / a inteligência das coisas que me deste, / Eu, e quantos milhões de homens como eu / a quem tu esclareceste; ...Ai Galileu! / Mal sabiam os teus doutos juízes, grandes senhores deste pequeno Mundo, / que, assim mesmo, empertigados nos seus cadeirões de braços, / andavam a correr e a rolar pelos espaços / à razão de trinta quilómetros por segundo. / Tu é que sabias Galileu Galilei”.

18 . 2 – HOMERO NA ODISSEIA; “OS ERRORES DE ULISSES”

O texto que se segue vem confirmar a minha anterior suposição.

O Padre M. Alves Correia, nas suas XXVII páginas “Origem e significado da Odisseia”, in “Homero, Odisseia”, tradução do grego, prefácio e notas dos Padres E. Dias Palmeira e M. Alves Correia, Vol. , 3ª Ed. Liv. Sá da Costa Ed. Lx. 1956, fala-nos assim dos Errores de Ulisses:

“O poeta da Odisseia escolheu, para dar relevo dramático a este geral sentimento de acalmia, como figura de expressão, o prudente, o sábio, o subtil, o fino Ulisseus, e nisto andou muito bem. Mais adiante, porém, desde a IV à XII rapsódia, dir-se-á ter perdido de vista o seu herói e intercalou um acervo de patranhas mal engendradas, pior enfiadas e nada a propósito, o que grandemente desarmoniza a estrutura e perturba a boa sequência da epopeia.”

... ... “Há na Odisseia dois géneros de poesia de índole muito diversa. Constituem o primeiro: fábulas e mitos, mais ou menos complicados e equivocados de História e Geografia, a que tem chamado “Errores de Ulisses”. Os Errores têm sido um verdadeiro quebra-cabeças dos homeristas de tendências para geógrafos ou com pretensões a historiadores.

Nestes últimos anos despendeu-se muito trabalho, grandes talentos, imenso saber sobre os “Errores” e criou-se por assim dizer, uma especialidade de estudos náuticos – a Geografia da Odisseia.

“ Parece-me que a excessiva devoção homerista baldou muito engenho e trabalho imenso, porque fez esquecer que o autor dos “Errores” não foi um geógrafo ou historiador de descobrimentos marítimos, mas sim um mitógrafo.

Ora as divinas quimeras nunca se entenderam bem, nem podem entender, com o saber positivo. Os mitos, em relação à História e à Geografia, são coisa mui sui generis. Não quero dizer que são coisa sem pés nem cabeça, mas é indubitável que podem ter cabeça e não ter pés, sem que haja em cima cabeça alguma.”

... “numa palavra: entendo que as patranhas de Homero podem ser lidas e apreciadas com a mesma liberdade de espírito e sem-cerimónia com que foram inventadas.”...

Que pobreza e facciosismo, ou incapacidade de assimilação, pois foi-me fácil compreender as dificuldades sentidas por Ulisses para conhecer as Hespérides dos Pomos de Ouro, como pormenorizadamente relatei nos dois primeiros volumes, que constam da lista da 1ª pg. e do resumo do desenho que acima introduzi.

Um nojo estes conceitos dos senhores de saias, bem merecedores dumas cornadas deste touro, que os Pelasgos Atlantes, desde longa data, adoravam, brincando acrobaticamente no seu lombo, como adiante refiro.

18.3 – DAS PINTURAS RUPESTRES AOS CASTROS E A MICENAS



Fabulosa pintura rupestre a dizer-nos que no paleolítico os nossos primitivos avós – hoje podemos dizer Pelasgos-Atlantes – **além de pastores**, sabiam já expressar bem o sentir psíquico que a força e o olhar do Touro lhe impunha.

O Touro e o Porco expressos no Morro das Fráguas, bem perto da “Enigmática Torre de Centum Celas” e do Castro de Urjais, na Cova da Lã, na Rota Lusa do Ouro e Estanho ou na Civilização Creto – Micénica do Egeu, como a seguir refiro, tem simbolismo diferente para nós ou para os vizinhos espanhóis.

A vida do espírito já no Paleolítico Superior, há uns trinta ou vinte milhões de anos, talhou jóias como a ponta de lança com a forma de folha de loureiro ou o primoroso arco e flecha – *este, durante milénios, arma de Guerra; hoje, com ligeiros aperfeiçoamentos, desporto de elite.*

Na astronomia, como nas artes de navegar e sobreviver o saber vem de longe. E nele participámos ao mais elevado nível da Humanização, respeitando a mulher e a Mãe Natureza.

Uma outra representação do Paleolítico, que encontramos nas nossas pinturas rupestres é o Sol: a figura esquemática do Homem, de braços erguidos simulando suportar o Sol dando vida à Terra.

Curioso, também, que foi o amigo Rainer Daehnhardt, Historiador e maior coleccionador de armas e preciosidades do nosso passado, que ao falarmos da leveza com que os atletas micénicos saltavam para os cornos do Touro, fazendo dele trampolim, me recomendou para insistir na diferença que existe a esse respeito entre nós e nossos *hermanos*...



LE SOLEIL LUI DONNA UNE PIERRE
 parlante, ferrugineuse, véridique,
 que quelques hommes se sont plu à appeler
 la Montagnarde animée,

pierre dure, raboteuse, noire, dense.
 De tous côtés elle est rayée circulairement
 de fibres semblables à des rides...
 Lavant la sage pierre dans une source vive,
 il l'habillait de vêtements propres,
 la nourrissait comme un petit enfant,
 et lui offrait des sacrifices comme à un dieu.
 Par ses hymnes puissants il la rendit vivante.
 Puis, allumant des lampes dans sa pure maison,
 il la berçait dans ses bras en la soulevant,
 la pierre divine,

semblable à une mère qui tient son fils dans ses bras.
 Et toi, quand tu voudras entendre la voix des dieux,
 fais de même,
 interroge-la sur l'avenir,
 elle te dira toutes choses avec sincérité.

Lithica orphique.

In "L'ORDRE GREC" ; FRANÇOIS GALI; ESSAI SUR LE TEMPLE DORIQUE. ARTHAUD

– DOS CASTROS À SARDENHA

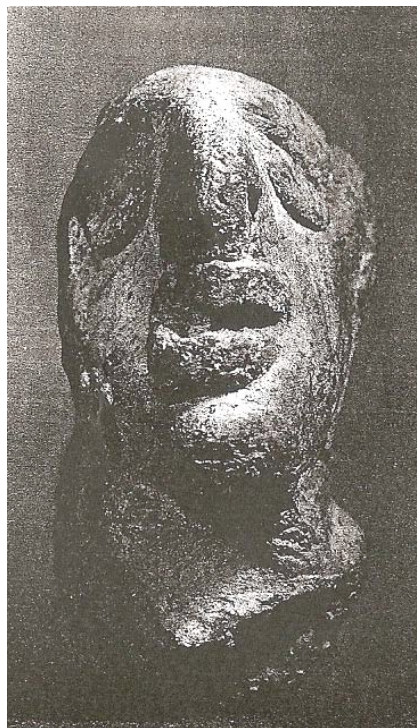


... “lugar fortificado da época pré-romana”...

(que falta de conhecimento da maioria das enciclopédias!)

O grau de evolução de um povo mede-se pela sua arquitectura e esta bela casa dos Pelasgos Atlantes que podemos ver na Citânia de Briteiros, perto de Guimarães ou em Santa-Tecla, na Foz do Minho, já com arruamentos, separando a parte pública da privada, têm nas suas paredes uma alvenaria, sem barro, denominado aparelho helicoidal, poligonal ou pelasgo. Que, com o tempo e a acção da gravidade, aperta as suas pedras, dando-lhe longevidade. Por esta razão a podemos considerar a primeira alvenaria que o pedreiro aparelhou e construiu, inaugurando a Idade da Pedra. Pelo menos na Europa...

– NA SARDENHA



Por estes belos trabalhos em bronze podemos aquilatar a arte, organização social e poder dos Pelasgos da Sardenha – são os primeiros navegadores a rumar ao mar Egeu, com o domínio exercido então no mar Tirreno, que separava a sua ilha da Itália, no Mare Sardun,(que Schulten, com os Ligures , retornados da Creta já referiu)...

Como mostra a sequência dos trabalhos já publicados comecei com a Odisseia de Homero que poeticamente nos relata, nas últimas páginas do Canto V a epopeia de Ulisses no Descobrimento do Caminho Marítimo para a Hespérides dos Pomos de Ouro, como elucido nas páginas de um Prefácio.

Foi para mim um processo longo, de milhares de horas de consultas, persistentemente e passo a passo, procurando condições de relação entre factos e textos da nossa proto-história, *pondo de parte os Romanos*, que nada têm a ver com o tema. Fui feliz.

Procurei no Languedoc, onde vivi e existem mais de meia dúzia de dialectos. Acabei por consular o Dicionário Enciclopédia da Lello, dois volumes.

“Sardenha ...”Capital Cagliari, em português Calaris, porto da Sardenha, separada da Itália pelo mar Tirreno e da Córsega por um estreito... muito fértil em minérios... os habitantes são de uma raça muito pura, descendem dos Iberos.”

Tinha encontrado o elo que faltava no somatório de conjuntos de matrizes inovadoras no espaço e no tempo da nossa Proto-História, que é a Proto-História da Europa e, segundo um director da UNESCO, a Proto-História do Mundo.

Procurei mais dados sobre a história da Sardenha. Encontrei-os na Enciclopédia Mirador Internacional Ed. Enciclopédia Britânica do Brasil, Pub. L^a ; São Paulo – Rio de Janeiro, 1980.

– OS NURAGUES

“Sardenha – os primeiros habitantes parecem derivar de um ramo de origem paleo-mediterrâneo, talvez aparentado aos primitivos grupos da Península Ibérica.” ... “mantendo relações comerciais com a Ibéria e com a Itália, para onde exportavam obsidiana.”

.... Os dólmenes e os menires deveriam preencher a função de santuários e de túmulos. A cerâmica do período apresenta formas e decorações variadas, por vezes com nítida influência Ibérica.

*A sua exploração económica ligava-se principalmente à exploração das minas e a uma agricultura intensiva. **Seus traços característicos são os grandes monumentos megalíticos (nuragues) espalhados por toda a ilha, formando por vezes um sistema interligado de defesa.***

(Giara di Gesturi)



Imagem colhida in “Naissance de L’Art” Virgílio Gilardoni; Ed. La Guilde du Livre, 1948

Fabulosa esta imagem de bronze, dizendo-nos que ao centro está o Rei, representando o poder;

ao seu lado direito a Deusa-Mãe, invocando a fertilidade da espécie e da Terra que nos suporta. À sua esquerda um representante do povo, que serve e aconselha a orientação do Rei.

Surpreende-nos a capacidade de abstracção, que só podemos ver a partir do contacto havido com outra civilização mais madura, pois a arte, como os frutos, requerem maturação. Neste caso, o Egito é vetusto inspirador...

...” O nurague forma um conjunto arquitectónico dominado por uma grande torre de pedra em forma de cone truncado, com câmaras circulares sobrepostas de tectos em forma de cúpula, unidos por uma escada em espiral, bastiões e torrinhas, corredores, câmaras, circulares **e cisternas**. Além da sua finalidade defensiva, os nuragues, possivelmente serviam também como castelos aos chefes do clã, sendo ao mesmo tempo depósitos, fundições e lugares de culto,”

...”A arquitectura funerária assume proporções fundamentais nas “tumbas dos gigantes” onde são encontradas estatuetas votivas, mormente guerreiros, mulheres, animais, alguns seres mitológicos e pequenos modelos de navios ou de edifícios. Essas esculturas pelos seus traços naturalistas, denotam uma civilização guerreira mantida por uma rígida disciplina militar e religiosa.

O curioso dos **nuraques da Sardenha** está no facto de, acompanhado de uma bela gravura megalítica, **ver que também foram implantados pelos Pelasgos em Corinto. “Galeria oriental da cidadela da acrópole de Tirinto. As grandes muralhas de Tirinto, conservam-se em toda a sua extensão. Contam com escadas secretas, grandes torres e bastiões de até quinze metros de altura. O interior da galeria está coberto por falsas abóbadas realizadas por aproximação de fileiras”**

In “História Universal” – Antiguidade: Ásia e África. Os Primeiros Gregos; “ Salvat. Público” Lisboa 2000

“O futuro da espécie humana depende, de um modo decisivo, de duas coisas: do nosso relacionamento com os outros e do nosso relacionamento com o meio ambiente”

Leaky e Levin – 1981

Como investigador, o facto dos Nuragues, que abundavam na Sardenha, terem sido novamente construídos nas grandes muralhas de Corinto, por um povo num estado de evolução galopante, erguendo sumptuosos palácios, traz-me lógicas suspeitas.

Socorremo-nos uma vez mais de Homero.

Por intermédio de Ulisses, fala-nos das Hespérides dos Pomos de ouro, onde crescem árvores frondosas, pomares com flores e frutos crescem Verão e Inverno, O vento Zéfiro soprando húmido.

Canto VII, v 110 e seguintes.

O Zéfiro é a Brisa Marítima, que vamos referir

Porque além de sujeita à Corrente do Golfo e anticiclone dos Açores, o clima desta zona Atlântica é bafejada pelas Hespérides dos Pomos de Ouro, que Ulisses, c. do séc. a. C., veio até Ulíssipo conhecer; detectando então que o responsável climático por essa pujança vegetal era”O sopro de Zéfiro” – **a brisa marítima**. (ver Canto VII , v. 112 e seg.)

... No Palácio de Alcíno...”Uma grande cerca veda o pomar onde crescem pereiras, romãzeiras, macieiras de belos frutos, figueiras mansas e luxuriantes oliveiras. Nunca, Inverno e Verão deixam de dar frutos O Sopro de Zéfiro fá-las desabrochar e no mesmo pé da laranjeira há flor e fruto...”

Como não devemos estar gratos a Homero, se ele nos ensinou que o vento de Zéfiro é a brisa Marítima, a responsável pelas Hespérides de pomos de ouro!

Com este conhecimento – a Brisa marítima é uma massa de ar quente e húmido, com a forma de rolo que trepa a montanha por, no Verão, ao nascer do Sol, este aquecer mais o alto da montanha do que a foz dos rios; condensando, pelo caminho na biodiversidade encontrada, provoca no alto da Serra da Estrela as nascentes **dos Cântaros**, formando as bacias hidrográficas que os glaciares abriram.

Compreende-se melhor se vos falar da Madeira, chamando o povo à sua brisa, o “embate”, responsável pela biodiversidade e pujança vegetal de toda a ilha, tendo os seus habitantes construindo lá do alto, contornando os fraguados, serpenteando, as famosas levedas. Aqui a **lauri-silva** madeirense do alto faz parte da biodiversidade, património impar da natureza.

Foram os glaciares que na Estrela, como nos Alpes, que, no Quaternário, com o degelo, traçaram a bacia hidrográfica dos rios, pelo arrastar das pedras que os gelos empurram, dos Cântaros à foz.

Chamei a estes conjuntos, a que chamo **Anfiteatros de Verão Verde, pois é com a influência da humidade da Brisa e do calor de Verão que as plantas, semeadas, ou a Floresta aí atingem o valor máximo da sua capacidade génética. Tal como sucedeu na Hespérides de Pomos de ouro, no Atlântico Norte, na Ilha dqa Madeira ou no Golfo do México.**

Daí que o impulso dado à proliferação humana na Idade do Cobre levasse a Civilização Megalítica para o Norte Atlântico e simultaneamente os Pelasgos-Atlantes da Sardenha, rumando ao “Egeo-Pelásgo”, com a Creta Minóica e a Atlântida como expoente maior do Megalitismo.

– Os Ciclopes trouxeram a vida comunitária hierarquizada, o conselho dos anciãos, a dignificação da mulher, a arte de erguer menires, dólmens e túmulos para os seus “que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando” e a arte de explorar o cobre e de trabalhar o ouro.

19 . 1 – VOLTEMOS AOS NURAGUES

Os Pelasgos da Sardenha erguendo nas montanhas de Corinto os nuragues – **uma** espécie de torre truncada e fechada com uma falsa cúpula de pedras e pedregulhos sobrepostos com corredores e espaços interiores, construções de *Ciclopes, disseminadas pelo espaço, porquê?*

Deduzi, e creio com acerto, que tais Nuragues não serviam só para defesa, mas funcionavam prioritariamente como Cântaros, daí o possuírem todos uma Cisterna para armazenamento da água, resultante da condensação da Brisa Marítima e de nevoeiros.

Note-se que na Grécia o clima é bastante árido, apesar de rodeada de mar por todos os lados.

Mais uma vez se prova que o primeiro factor de sucesso dos Pelasgos – Atlantes foi a massa cinzenta, a capacidade de integração no meio ambiente e a Miscigenação.

19 . 2 – JÁ NO “EGEO- PELASGO”

Encontro hoje, Agosto de 2010, um livro de História, 3º ano, por Fins do Lago e Maria José Diniz, Porto Ed. de um conteúdo inesperado e só possível depois da Revolução do 25 de Abril – a que pertence a elucidativa imagem que reproduzo e, com a devida vénia, a razão porque o fizeram.

No Prefácio: “As matérias deste livro estão rigorosamente de acordo com a adaptação do antigo programa às possibilidades actuais, superiormente determinada no ano lectivo findo.

“Dele constam algumas rubricas então introduzidas no novo programa, como a arte cretense, fenícia e persa, a religião dos Cretenses e as ciências na Grécia, e dele se eliminaram outras, como as civilizações bizantina e árabe e vários aspectos das lutas sociais em Roma.”

Como iremos ver, com a Revolução, a educação começou a mudar e esta boa história é disso paradigmática, tentando aproximar-se da Proto-História da Europa, embora sem ainda saber quem foram os Pelasgos, a eles se referindo.

... .. Referindo-se a Creta: "...O lugar privilegiado que ocupava no centro do Mediterrâneo Oriental punha-a ao abrigo das invasões demasiado frequentes que quebram o normal desenvolvimento das civilizações. Assim, aí por meados do IV milénio a.C., começou a progredir extraordinariamente. E cerca de mil anos depois, juntando o cobre que trazia das ilhas de Chipre e de Rodes com o estanho vindo da Europa Ocidental – principalmente das Ilhas Britânicas – tornou-se grande fabricante de bronze, metal que, pelas suas qualidades, suplantava os outros em uso, mesmo o ouro e a prata."

"Desenvolveu activas relações comerciais com as outras ilhas e povos da Ásia Menor, do Egipto, do Sul da Grécia e do Mediterrâneo Oriental. Exportava armas de bronzes e objectos de faiança, azeite e vinho, em troca de matérias-primas para a indústria e de alimentos para a sua população, dada a insuficiente produção do seu solo rochoso.

Assim, os marinheiros de Creta e os seus homens de negócios impuseram o seu domínio e levaram a sua civilização a muitos povos que visitaram."

Na página 78, com uma bela imagem da nossa ancestral Mãe-Negra, classificando-a como A Deusa da Serpente e de um belo vaso ritual fala-nos da religião dos Cretenses, "visando principalmente a fertilidade do solo" e " Das festas religiosas, com grandes procissões e danças frenéticas, centrando-se na vida agrícola, especialmente nas fainas da ceifa e da colheita dos frutos."

Numa página dedicada à arte Cretense mostra-nos um interior do Palácio de Cnossos e a Cena de Tauromaquia "Fresco do Palácio de Cnossos." Dizendo-nos:

" O mar, a terra e o céu foram o mundo das suas paisagens. As vagas ondulantes que se quebram nas formas caprichosas dos rochedos entre algas moles; os peixes, as conchas e os moluscos, as aves que descem em voos rasantes sobre o solo; o felino que espreita a caça; o símio que caminha entre tufos de flores; o acrobata que salta, elegante e ágil, para os chifres de um touro; os tentáculos ondulantes de um polvo, em suma, tudo o que traduz movimento, energia e subtilidade soube o artista captá-lo e exprimi-lo em belo frescos e pinturas."

A pg. 117, integrada no cap. "Origens da Civilização Grega"diz-nos:

... .. " A Grécia foi habitada, desde épocas muito remotas, por povos não gregos, de raça indo-europeia ou com ela mestiços, que se designavam pelo nome de **Pelasgos**. Ao que parece, tinham outrora atingido uma civilização Neolítica bastante desenvolvida. Mas por se encontrarem isolados, caíram na decadência. Viviam em grutas e rudimentares casas arredondadas ou rectangulares."

... .. Segue A História da Grécia.

Desconheciam os autores, como a totalidade dos historiadores portugueses, que os ditos Pelasgos foram nossos avós, e data da pulverização da Atlântida, o fim da Creta Minóica, do reino Hítita e de toda a convulsão que a terrível e maior explosão do Santorini causou.

No entanto, estes autores citados são os únicos, em língua portuguesa, que mais se aproximaram do que foi a nossa proto-história, que a Civilização grega soube assimilar, tendo, assim, atingido o modo grego de pensar, posição chave nos domínios da Filosofia, da arte, com o Partenon, da Ciência e da Democracia.

É bom não esquecer que Homero, nascido entre miscigenados Pelasgos- Atlantes, na Euro-Ásia, tal como Tales de Mileto, dedicou o seu maior trabalho à Odisseia, descrevendo a viagem de Ulisses à Hespérides dos pomos de ouro – no actual Terreiro do Paço, no séc. XII a.C., sendo recebido no Palácio de Alcino, quando Cónios, Tartessos e Túrdulos já haviam regressado à terra dos seus ancestrais avós, Pelasgos-Atlantes dos Castros e dos seus antecessores das Pinturas Rupestres do Côa, do Tejo e do Zêzere, tal como das do Atlas – pois proximidade geográfica e a época histórica assim nos levam a pensar.

Almada Negreiros, que conheci c. 1950, subindo o Chiado e pintando os Paineis da Gare Marítima de Alcântara, quando embarquei para Angola, deixou-nos esta tapeçaria e um enorme Painel no Pátio da entrada da Gulbenkian, estudando durante quinze anos o número de ouro e a Divina Proporção – num País onde a média a Matemática era de 4,5 valores numa escala de 0 a 20!

Rejubilemos!!! Os jornais de hoje, 8 de Dezembro de 2010, dizem-nos que um estudo internacional da OCDE – PISA sobre provas de literacia de Leitura de Matemática e de Ciências, Portugal foi o País que melhorou mais, registando a maior subida nas Ciências e a quarta maior a Matemática e Literatura. Ocupando o 24º lugar na OCDE.

Não podemos deixar de lembrar as procissões – manifestações folclóricas de professores e alunos atirando ovos, organizados pelos Sindicatos, crucificando a Ministra da Educação de então, que teve a sensatez de não ceder – Maria de Lurdes Rodrigues e a actual - Isabel Alçada, digna continuadora da maior tarefa a empreender: a educação da juventude e formação de elites dirigentes com consciência da racionalidade desejada, numa globalização dos povos.

A tragédia maior do nosso tempo, para nós, advém de não termos ainda determinado “a causa da decadência dos povos peninsulares” que Antero e Oliveira Martins encetaram. As nossas Universidades têm de responsabilizar-se pela formação de bons professores e de afirmações como esta de António Coutinho, do Instituto Gulbenkian da Ciência: **“as pessoas chegam ao fim da Universidades com uma informação muito precária em coisas fundamentais”... “tenho para mim que os intelectuais modernos são profundamente ignorantes. Desconhecem a quase totalidade do saber e, ainda por cima nas questões que lhe interessam de perto.”**

Estas palavras foram já há uns anitos mas é vê-los ora, comunistóides nos sindicatos, esquecendo que Dien Xaupin acabou com o Comunismo na China dos nossos dias.

Mas lembremos a prata da Casa: *Fernando Pessoa elucidava-nos: “A crise central da nacionalidade portuguesa deriva da sua impotência para formar escóis. Uma nação vale o que vale o seu escol.”...“É longa a decadência em que entrámos desde o fim da dinastia de Avis” ...produto de dois séculos de falsa educação jesuítica, seguida de um século de pseudo educação confusa, somos vítimas de individuais de uma prolongada servidão colectiva.”*

Não é verdade que, neste início de 2011, homens de saias dirigem ainda colégios subsidiados pelo Governo, com a cruz na parede, protestando os professores nas referidas procissões de sindicalistas, contra o secular abuso?

Devemos também lembrar *“que a especialização criou uma casta de homens medíocres, de sábios ignorantes” Ortega e Gasset; “que se comportam como homens massa e que simbolizam a actual desmoralização europeia” Carlos d’Or.*

O nível cultural de um país deve medir-se pela inserção dos mais qualificados e esclarecidos nas instituições, conduzindo à maturação de personalidades à formação de valores, rumo à valorização do todo nacional na Indústria do Turismo Cultural, para que estão vocacionados os nossos ecossistemas, o Mar e o clima elegendo-nos como entrada principal da Comunidade Europeia.

– OS PALÁCIOS DA CRETA MINÓICA

Se a Arte, e nela a Arquitectura, são considerados padrões certos de medida da consciencialização usufruída pelas comunidades humanas, a regressão hoje, é notória.

A ordem e determinação da civilização Pelasgos-Atlantes, no Egeu, foi tal que a Grécia a absorveu nas suas etapas de desenvolvimento e, no dealbar das migrações, fugidas aos séculos obscuros, Cónios, Túrdulos e Tartessos no nosso país; Tarraconenses e Etruscos, em Barcelona e Bilbao, tal como os Etruscos no Norte de Itália, os mais felizes pela situação geográfica criando uma poderosa frota, na bela Toscana dos dias de hoje, deixando belo espólio na arte de trabalhar o cobre e o ouro aos Romanos. Os habitantes da Galiza também beneficiaram e progrediram.

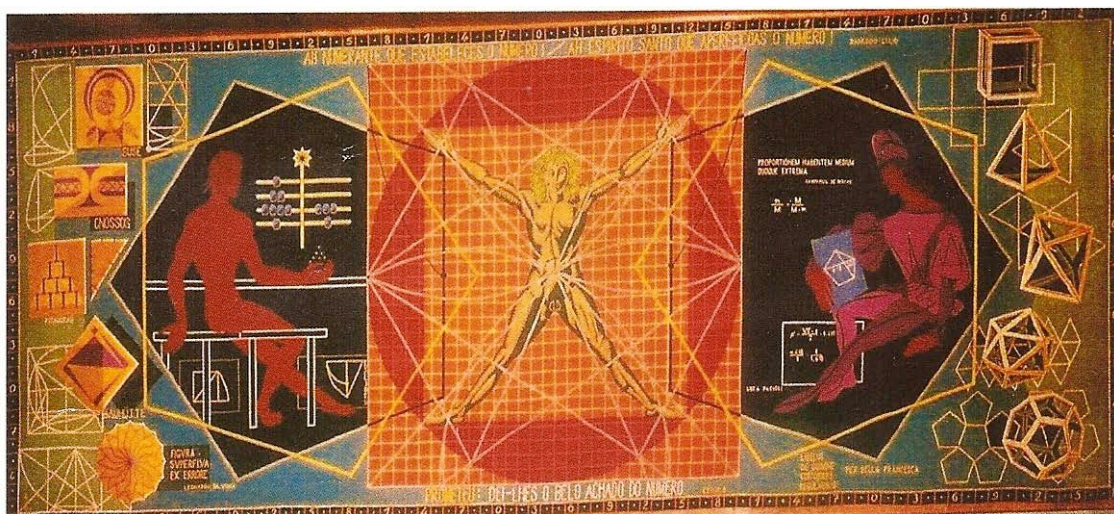
É muito curioso, e de anotar, que são estes povos espanhóis; Galiza, Salamanca e Bascos os que mais se opõem ao comando Madrileno. Quanto à Galiza, a historia é outra, estão do outro lado do rio Minho, que também é nosso; foram eles que nos ajudaram a fazer o Douro Vinhateiro –

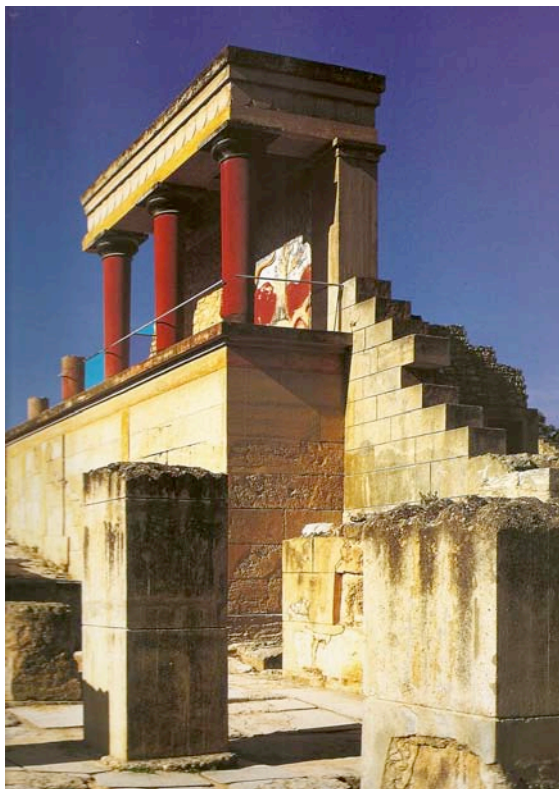
a primeira região vinícola demarcada do mundo, produtora do Vinho do Porto, reconhecido como o mais precioso néctar de todos os similares, fruto da persistência do homem e das características edáfico-climáticas, para atingir sabores requintados e aquela cor topázio-rubi, que são só seus.

Nos meus tempos de estudante em Lisboa, os empregados, e por vezes donos dos restaurantes da cidade, eram Galegos.

O Número, Tapeçaria em lã; Desenho de Almada Negreiros (1958)- Manufacturas de Tapeçarias de Portalegre.

No lado esquerdo da tapeçaria, o vaso de Suse e referência ao friso do palácio de Cnossos e a Pitágoras **“Tudo é número”**





Homero e a sua Odisseia fazem parte da nossa Proto-História, que com a continuidade grega, é a Proto-História da Humanização,

Construir vários palácios como este, de que Homero descreve um similar, onde Ulisses foi recebido pelo Rei Alcino, em Ulissipo c. séc. XII, na sua viagem à Hespérides dos Pomos de ouro, de visita aos emigrados Cónios, Túrduos e Tartessos – ver pág. Odisseia Canto VII p. 80 e Seg.; **cerca** de mais de um **milénio antes que os gregos edificassem o Partenon**, é uma bela realidade que prova a capacidade de assimilação da Creta Minóica, suplantando a arte do Egipto, no ramo abstracto, deste país recebendo **o nº de Ouro e a divina proporção** e, quiçá os seus arquitectos.

Outros contributos vieram da civilização Sumério-Ariana e de Micenas, onde ergueram as Portas da cidade e o célebre Tesouro de Atreu – este à imagem das sepulturas de corredor e falsa cúpula erguidos no país de origem dos Pelásgos-Atlantes – At Lusitânia,,, que Mare Atlânticum spectad.

Porém, a jóia da coroa é a escrita Linear A seguida da Linear B, representada a primeira no Disco em espiral de Festos, praticada pela Creta Minóica c. 1800 a.C.



Esta bela imagem de pescador, nos frescos do Palácio da Creta Minóica, diz-nos o elevado enlevo que os dirigentes Minóicos tinham pela pintura, uma das belas artes que desenvolveram, ao mais elevado nível.

Mas para o investigador atento diz muito mais.

Diz-nos que a pesca era abundante, mesmo a nível familiar. Porém, os autores dizem-nos que eram **sardas** a espécie pescada e que em todo o Mar Mediterrâneo era a mais abundante, então.

Daí podermos concluir que foi por essa razão, que na língua vigente, bem aparentada com a actual portuguesa, os Pelasgos Atlantes, residentes na Sardenha, denominaram **Mar Sardun** o mar que os circundava e de que a sua marinha era, então, senhora. E, logicamente, a ilha passou a denominar-se para todo o sempre **Sardenha. (palavra da língua portuguesa, tal como sarda, sardinha, sardanisca...)**

A preciosa gravura ainda nos diz mais. O peixe era muito para ser logo todo comido – era costume, como no Algarve ou na Nazaré, secá-lo. Com o desenvolvimento então atingido, em Creta como em Santorini, ainda hoje, as casas, pintadas de azul e branco, têm um terraço no telhado e, quando da migração dos Cónios para o Algarve, edificaram-nas, com idêntico fim e cores, chamando-lhe **açoteias!**